

SABERES E METODOLOGIAS DO ENSINO DA HISTÓRIA: O MUSEU COMO ESPAÇO FORMATIVO

Silmara Francisca dos Santos de Melo¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer a experiência vivida durante a visita ao Museu Arqueológico do Xingó - MAX, e discutir sobre a formação dos alunos acerca do ensino da história no ensino fundamental, repensando numa nova didática. A temática do artigo dialoga juntamente com os aspectos observados no museu, proporcionando assim uma reflexão do conteúdo observado, sobre o quão rico esta atividade prática contribui para o ensino de história. No corpo do trabalho ainda, a partir do que foi observado, foi comparado as formas de vida dos povos indígenas na pré-história e na atualidade em vista da modernidade e da sociedade capitalista que estamos vivendo. A visita aconteceu no Museu Arqueológico do Xingó, localizado a poucos metros da usina hidrelétrica. Possuem ricos aparatos históricos arqueológicos da vida paleolítica dos indígenas que viviam nestas regiões, estes que possuem grande relevância para pesquisadores da área. Através desta visitação destacamos a expressão cultural a partir dos artefatos produzidos bem como sobre a serventia que estes possuíam na época. Identificamos ainda as expressões artísticas presentes nos desenhos rupestres como também nos acessórios utilizados. O artigo tem como metodologia a observação participante, em que se permite o contato direto com o que está sendo observado para se obter informações.

Palavras-chave: Formação, História, Didática, Povos indígenas, Museu.

1 INTRODUÇÃO

A história dos povos indígenas é representada por uma rica cultura repleta de histórias e tradições. Embora estes povos pareçam semelhantes, existem muitas diferenças de um povo para outro, espalhados por todo o mundo, diferenças essas encontradas nos rituais, nas expressões artísticas e culturais, bem como a forma de organização social, pois alguns vivem mais isolados nas matas, outros já são mais urbanizados.

Os estudos acerca da cultura indígena nos permitem um rico conhecimento sobre os primeiros habitantes do nosso país e principalmente nos leva a compreender as formas de povoação que se formou esta diversidade cultural existente no Brasil. É possível encontrar em algumas regiões do país diferentes tribos e com elas suas tradições e costumes próprios. Neste caso, os povos indígenas que pelo sertão nordestino vivem, possuem suas características baseadas na forma de vida na caatinga e também sobre as margens do Rio São Francisco, aos que vivem aos entornos dele.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, silmara.melo@outlook.com.br;

Especificadamente no sertão de alagoas na região de Canindé do São Francisco e Xingó, no estado de Alagoas, existem sítios arqueológicos em que foram encontrados diversos artefatos e vestígios da existência dos povos indígenas que naquela região habitavam por volta de 9.000 anos atrás. Objetos como pedras, utensílios, acessórios e até mesmo ossadas dos povos indígenas que foram encontrados na região, estão expostos no Museu Arqueológico do Xingó - MAX, representando assim a vida indígena no sertão de alagoas.

Neste sentido, o estudo deste artigo, se baseia na análise da visita ao museu, em que nos permitiu refletir acerca de uma didática do ensino de história que possa formar alunos pesquisadores e historiadores, repensando em uma didática que instigue a curiosidade dos alunos e não limita-los aos métodos de memorização de datas, que tanto percebemos nas aulas de história. Em suma, a visita proporcionou um rico conhecimento acerca da vida indígena na pré-história e na atualidade ao que se referem sobre as expressões culturais e artísticas por trás dos acessórios, desenhos rupestres e artefatos usados por estes povos, fazendo assim uma comparação destes aspectos, de modo a compreender a evolução das formas de vida antepassadas e do presente dos indígenas no sertão alagoano.

Nisso, através da visita podemos perceber as utilidades dos artefatos naquela época, como os utensílios e as panelas de barros, que tinha uso básico do dia a dia como também para os rituais tradicionais. Os acessórios que eram utilizados naquela época, muitos tinham significados e representações. Levando para os dias atuais, podemos perceber que os acessórios não se remetiam apenas a simbologias, mas também passou a ser forma de sobrevivência através da comercialização, fazendo presente o capitalismo nesta cultura.

Diante disso, consideramos esta experiência de suma importância para nossa formação como docente diante dos conhecimentos históricos, proporcionando para nós diversas possibilidades para as aulas de história quando lecionarmos, permitindo assim um novo olhar e uma nova didática.

2 PROCEDIMENTOS E METODOLOGIAS

2.1. A observação participante

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observador para obter informações sobre a realidade dos atores em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados.

Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

A inserção do pesquisador no campo está relacionada com as diferentes situações da observação participante. Num polo, temos a participação plena, caracterizada por um envolvimento por inteiro em todas as dimensões de vida do grupo a ser estudado. Noutro, observamos um distanciamento total de participação da vida do grupo, tendo como prioridade somente de observação. Ambos os mencionados envolvem riscos que devem ser avaliados antes de serem adotados. “A possibilidade de vir a clarificar aspectos observados e anotados em posterior entrevista e em observações mais focalizadas, constitui um ganho excepcional face às outras técnicas de investigação (Correia, 2009, p. 35)”.

Entre esses polos extremos, encontramos variações da técnica. Uma dessas variações diz respeito ao papel do pesquisador enquanto participante observador. Nessa situação, o pesquisador deixa claro para si e para o grupo sua relação como está sendo restrita ao momento da pesquisa de campo. Nesse sentido, ele pode desenvolver uma participação no cotidiano do grupo estudado, através da observação de eventos do dia-a-dia. Outra variação se refere ao pesquisador enquanto observador participante. Isso corresponde a uma estratégia complementar às entrevistas, sendo que a observação se dá de forma rápida e superficial.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A expressão artística e cultural dos povos indígenas

Sabe-se que a palavra cultura pode ter várias definições antropológicas, e que, a partir da pesquisa pode fazer entender as ações do homem na terra e o seu processo de evolução.

Em vista disso, o antropólogo Leslie White apud Laraia (1986), diz que: “todo comportamento humano se origina no uso de símbolos”. Sendo assim possível perceber que a cultura se apresenta quando o homem utiliza de suas mãos para se expressar usando símbolos representativos do seu cotidiano.

O início do desenvolvimento do cérebro humano é uma consequência da vida arborícola de seus remotos antepassados. Esta vida arborícola, onde o faro perdeu muito de sua importância, foi responsável pela eclosão de uma visão estereoscópica.

Esta combinada com a capacidade de utilização das mãos, abriu para os primatas principalmente os superiores, um mundo tridimensional, inexistente para qualquer outro mamífero (LARAIA 1986, p.53).

Com isso, o homem no processo de desenvolvimento passa a ter capacidades a partir da observação, comparação e expressões, utilizando os recursos naturais que favoreciam no seu tempo.

Kletig apud Laraia (1986) define a cultura como “um sistema adaptativo” em que os “padrões de comportamento socialmente transmitidos, que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos”. Por isso, o homem enquanto parte integrante da sociedade se organiza e vive de acordo com as possibilidades de seu tempo, do clima, e sempre em busca de meios de sobrevivência, de modo a atender suas necessidades biológicas, como seu alimento, agasalho, sexo etc. E, podem demonstrar cultura quando é passada para as novas gerações, transmitindo seus conhecimentos, costumes e crenças.

Quando é discutido cultura, faz lembrar as sociedades indígenas em que demonstram “seus costumes, suas instituições, suas visões de mundo, seus ritos, seus cânticos, suas danças, seus artefatos, suas relações com o ambiente natural e com outros grupos humanos que as cercam” (MELLATTI, 2007, p. 75).

Nisso, as comunidades indígenas estão presentes por muitas áreas no Brasil, e que cada sociedade se organiza e vivem de modo diferente, demonstrando sua cultura no aspecto artístico e ritual, como por exemplo, na área da Amazônia e do Nordeste em que, as culturas indígenas são diferenciadas.

Mellati (2007) traz conhecimentos de Galvão, ao descrever como se dá a cultura indígena na Amazônia oriental e depois do Nordeste, como por exemplo:

Amazônia Oriental:

A origem da arte plumaria dos caapor e da festa do mel dos guajajaras são explicadas pelo mesmo mito; estes fazem uma casa para estocar o mel na mesma época do ano em que os suruís e assurinís do rio Tocantins erguem a casa para receber os ancestrais ou serem por eles observados; o nome que estes dão a essa casa (cognato de “tocaia”, que o português recebeu da língua geral (p.88).

Nordeste:

A única língua indígena ainda falada é a dos fulniôs, que mantém também um rito anual, reservado a eles próprios, chamado Ouricuri. O rito Toré, com modalidades peculiares a cada grupo, também é realizado nessa área em suas formas abertas ou secretas (p. 91).

Diante disso, percebe-se que há uma diversidade cultural das comunidades indígenas na qual pertencem, na maneira que demonstram suas tradições, costumes, representações simbólicas a partir da história narrada. Dessa maneira faz conhecer vivências do passado, e de que forma se configura no presente.

3.2 Arte Rupestre: história cravada e desenhada em rochas pelos nossos antepassados

O termo rupestre é um nome concebido para as primeiras pinturas realizadas na pré-história, estas pinturas surgiram segundo a própria história, no período paleolítico. O museu de arqueologia realiza desde o ano de 2000 um grandioso trabalho, a fim de preservar a história, essa pertencente a toda região, e ao Brasil. De acordo com Justamand et al. (2017), “os primeiros registros sobre a arte rupestre brasileira remontam ao século XVI, quando os europeus iniciaram o processo de colonização do continente americano”, portanto o processo de estudo dessa arte, reflete de como vemos e percebemos o contexto histórico desses povos antigos. De acordo com Cabral (2011, p. 1455):

Para compreendermos a estruturação dos processos de discussão sobre a Arte Rupestre e suas manifestações pictóricas é necessário observar como a essa produção artística foi percebida, explorada e discutida antes mesmo do surgimento das primeiras academias, afinal as manifestações pictóricas Pré-históricas fazem parte dos primeiros capítulos da história visual da humanidade no âmbito mundial, nacional ou regional.

Visitar o museu e suas pinturas rupestres é se deparar com uma riqueza histórica imensurável, pois é nela que percebe a origem do povo, sua cultura, hábitos, costumes entre outros. No entanto, observa-se o quanto é desvantajoso e prejudicial para a população em seu entorno, e principalmente o que se refere a educação, não se ter um trabalho mais abrangente relativo a educação histórica de nossos antepassados, dos povos que habitavam estas terras, e que fazem parte de nosso pertencimento patrimonial social e histórico. Para Melatti (2007), as pinturas rupestres “mostram cenas de ritos, caçadas, combates, relações sexuais, sendo possível notar modificações dos temas e dos desenhos ao longo do tempo”.

O Museu Arqueológico do Xingó – MAX oferece um amplo detalhamento histórico em forma de desenhos, estes que configuram uma tradição de um povo. Os desenhos vistos no museu trazem algumas representações visíveis, como de animais, plantas, caças etc. Estes por vez representam características da região nordeste. Outros desenhos não foram possíveis de serem identificados, pois possuem alguns traços de difícil interpretação. A imagem abaixo mostra os desenhos e a pedra encontrada com os desenhos rupestres exposta no museu:



Fonte: a autora

Os projetos educacionais do estado principalmente devem valorizar mais o que temos de riquezas históricas. O museu, ainda é pouco utilizado pelas escolas, para compor esta educação pela valorização dessa história cravada e desenhada em rochas pelos nossos antepassados. No entanto, como já foi anteriormente frisado, a comunidade tem que ter uma maior compreensão desse espaço, para que possa de fato conhecer a importância, assim como também preservar esse espaço de grande riqueza cultural e histórica.

3.3 Os artefatos e a arte: Da utilidade básica à apreciação artística

Os artefatos indígenas são definidos como objetos ou produtos, que foram produzidos por este mesmo povo, para determinado fim. Atualmente os artefatos localizados principalmente pelos arqueólogos, nos remetem ao meio de vivência cultural, artística, ritualística e doméstica, daquele determinado povo, mesmo que muitos desses objetos tenham significados diferentes para cada tribo. Em sua maioria, tais artefatos foram produzidos para se ter utilidade doméstica, de caça, pesca, entre outros usos.

O MAX, neste sentido, revela um precioso arcabouço histórico de como eram produzidos tais materiais, de que eram produzidos e sua finalidade. O mais impressionante é perceber como cada objeto daquele determinado período, foi se moldando a nossa realidade atual. No entanto, vale aqui ressaltar, de como as origens do povo brasileiro, principalmente quando se refere o meio cultural indígena, é ignorado. Para Velthem (2010, p.20):

As manifestações artísticas indígenas, que se expressam através de artefatos e grafismos, têm sido alvo, no Brasil, de algumas iniciativas positivas, em um contexto mais amplo de proteção dos patrimônios culturais indígenas, embora permaneçam incompreendidas e desvalorizadas pela maioria dos brasileiros.

Atualmente os trabalhos manuais dos antigos povos nativos são para nós, uma arte, são objetos que em sua grande maioria possuem pinturas únicas. O contexto educacional vigente tem uma carência muito grande de manutenção histórica de nossos antepassados.

A arte em cerâmica tinha grande importância para a cultura indígena na época, pois era um modo de sobrevivência durante a colonização portuguesa. Outros objetos como as urnas funerárias, painéis em barro, machadinha em pedra e madeira, entre outros produtos, nos remete a organização e sobrevivência daquela determinada população. De acordo com Nunes (2011, p.144):

Não se pode negar, porém, que a contemplação de variados produtos e artefatos indígenas (sem falar da pintura corporal, da dança, da música etc.) revela evidentes qualidades formais de beleza, equilíbrio e elaboração formal que são típicas daquilo que chamamos “arte” – especialmente para a sensibilidade moderna, mais inclinada a reconhecer a artisticidade da produção das sociedades ditas “primitivas”. Por outro lado, reconhecer algo como “arte” também possui um sentido de qualificação positiva, de atribuição de importância, de forma que muitas vezes a compreensão da arte das sociedades “primitivas” tem algo de um *mea culpa* da cultura ocidental, condescendente e paternalista com relação a culturas que sofrem um processo de dissolução frente ao domínio econômico e cultural do “homem branco”.

Portanto, deve-se entender o quanto é prejudicial para a história quando a sociedade a esquece, ou simplesmente a deixa de valorizar, julgando não ser pertencente a esta história. O modo da técnica manual utilizada naquele período para produção dos objetos é considerado como uma tecnologia, apenas ela vem se modernizando a cada dia. O MAX traz em seu acervo, uma variada riqueza de materiais históricos representados justamente por estes artefatos. Oliveira (2010, p. 01), ressalta que:

O acervo museológico da instituição é formado por mais de 50.000 peças e vestígios e está apresentado em uma exposição humanizada, na qual são destacadas todas as etapas de elaboração dos artefatos pré-históricos, compreendendo práticas humanas e procedimentos técnicos que o homem fez uso para se estabelecer na região.

Os povos indígenas tinham sua própria forma de fazer suas ferramentas de caça e outros utensílios que era indispensável para atividades básicas, como para o preparo das refeições, bem como eram utilizados como urnas funerárias. Os utensílios eram feitos de barro para colocar os restos mortais. Eles produziam seus artefatos líticos, que eram produzidos de pedras, feito pelo os homens, pois precisava de força. Eles faziam raspadores que era utilizado para limpar os peixes que eles mesmos pescavam. Faziam arco e flecha, que tinha a ponta feito de pedra e era utilizado para caçar animais maiores. Também tinha o pilão que era utilizado para triturar ervas pra fazer remédios.

Sem dúvida nenhuma, estes artefatos são um patrimônio histórico e cultural, que devem ser valorizados e preservados como os outros mais existentes no país, para que se mantenha viva essa história que também faz parte das nossas origens.

3.4 A representação simbólica e cultural dos acessórios

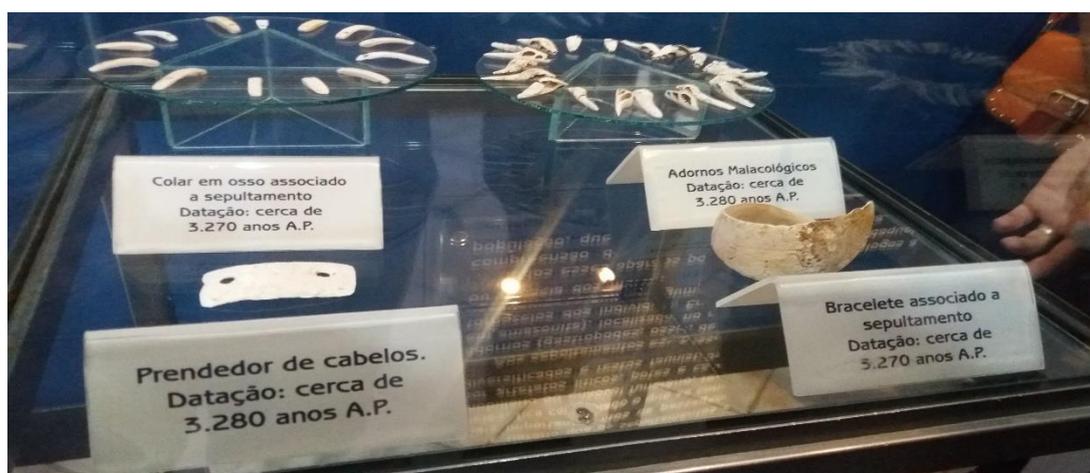
No campo dos utensílios indígenas os objetos fabricados e usados por eles cada um tem um significado importante e para eles é um documento histórico étnico, simbólico e cada tem o seu valor cultural. Entretanto, Garcés et al, (2015, p.8), ressalta que:

Os objetos indígenas, além de ter um papel funcional no cotidiano dos diversos povos, usados tanto na vida doméstica do dia a dia, quanto em ocasiões especiais, como nos rituais e nas festas, são produto de expressões estéticas, fato pelo qual constituem objetos de arte.

Porém, esses objetos são peças produzidas dentro da comunidade indígena e que fazem parte de sua sobrevivência e dos seus rituais dentro dos seus traços culturais representativos para cada origem cultural, tendo assim um significado que inclui o conhecimento complexo diante da arte, das crenças, da moral, dos costumes e de todos hábitos que pode ser adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro.

E, diante da visita feita no Museu, podem-se perceber alguns acessórios que foi utilizado pelos os povos indígenas que habitaram naquela região há alguns anos atrás e, que cada um tinha um significado importante para eles. E, diante desses, foi observado o colar e o bracelete de ossos de animais, muito tradicionais das diversas tribos indígenas nos antepassados. Homens e mulheres usavam esses acessórios para mostrar sua origem e representação de poder da ancestralidade por existir uma energia vibrante, assim como várias outras.

A foto abaixo mostra alguns acessórios feitos de ossos de animais expostos no museu:



Fonte: a autora

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a pesquisa ocorrida no Museu Arqueológico do Xingó, percebemos a riqueza cultural e histórica existente em nossa região e visto nisso, a importância de uma educação histórica dos nossos antepassados para que possamos conhecer e compreender as formas de vida dos povos que habitavam estas terras na pré-história, pois fazem parte do nosso patrimônio cultural histórico, que tanto contribui para esta diversidade existente em nosso país.

Através das observações dos artefatos e objetos como os acessórios arqueológicos que retratam a vida dos indígenas na pré-história, refletimos acerca destes objetos nos dias atuais, constatando uma diferença quanto ao uso dos acessórios, pois antes apenas estes tinham um valor simbólico para os povos indígenas com forte significação, enquanto na atualidade, percebemos que, com uma sociedade capitalista e moderna, os indígenas tornaram-se mais urbanizados e passaram a produzir os acessórios característicos de sua cultura para vender, assim como ganho para o seu sustento e da família. Porém, não mais feito de ossos de animais, mas sim de materiais com estética chamativa para a população não indígena, como penas de galinha e de pavão.

No entorno do Rio São Francisco, os povos indígenas buscaram formas de sobrevivência, através da pesca e caça, produzindo assim seus artefatos como vasilhas de barro e ferramentas cortantes feitas de pedras. Nisso, através da visita ao museu percebemos algumas expressões culturais de grande relevância para esta pesquisa, que além das manifestações culturais a partir dos acessórios, percebemos também na utilização das vasilhas de barro como urnas funerárias, com o propósito de se ter mais espaços para a colocação de novos corpos no local em que eram sepultados.

As expressões artísticas também eram presentes na cultura indígena do sertão de Alagoas, possuindo características da região, pois é possível perceber os desenhos na pedra observados no museu, retratando a vegetação e os animais encontrados na caatinga. Contudo, ainda hoje não se sabe o que significava tais desenhos, porém apreciamos atualmente como uma obra de arte.

Diante destas observações feitas no museu, nos proporcionou uma melhor análise da vida pré-histórica e atual dos povos indígenas nos possibilitando uma maior valorização desta história que tanto possui relevância e representatividade para nossa região e para nosso país, tendo por trás ricas tradições, conhecimentos e costumes, além da diversidade étnica

espalhada pelo Brasil, tornando cada uma, única e cheia de encantos e mistérios que até hoje instiga diversos pesquisadores acerca desta cultura.

Para nós, futuros professores, tais conhecimentos e experiência vivida na visita ao museu na aula de saberes e metodologias do ensino da história, nos proporcionou uma reflexão acerca do atual ensino da história, nos permitindo a repensar uma melhor didática que forme realmente historiadores, que pesquisam e tenham gosto por este saber, a partir primeiramente de sua própria história, pois diferente disto, muito ainda é presenciado práticas tradicionais de memorização de datas e acontecimentos sem apresentar sentidos.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Carlos Henrique Romeu. **A Pintura Rupestre e sua Trajetória Acadêmica/** Carlos Henrique Romeu Cabral, Anpap Anais- revista Online, 2011. Disponível em: <www.anpap.org.br/anais/2011/pdf> Acessado em 15 abr.2019.

CORREIA, M. C. **A observação participante enquanto técnica de investigação.** Pensar enfermagem, v. 13, n. 2, 30-26.

GARCÉS, Claudia Leonor López et al. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém do Pará, v. 10, n. 3, p. 659-680, set-dez. 2015.

JUSTAMAND, Michel et al. **A Arte Rupestre em Perspectiva Histórica: Uma História Escrita nas Rochas1/** Michel Justamand, Suely Amâncio Martinelli, Gabriel Frechiani de Oliveira, Soraia Dias de Brito e Silva.-*Rev. Arqueologia Pública* Campinas, SP v.11 n.1/2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index>> Acesso em: 15 abr. 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico-** Rio de Janeiro, 1986.

MELATTI, Julio Cessar. **Índios do Brasil.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NUNES, Fabricio Vaz. **As Artes Indígenas e a Definição da Arte/**Fabricio Vaz Nunes, Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, Embap, 2011. Disponível em: www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anaisvii/142.pdf. Acessado em 15 abr. 2019.

OLIVEIRA, Albino. Museu do Ceará. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.2010. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos/** Lucia Hussak Velthem.Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7- 2010. Disponível em: <www.epublicacoes.uerj.br/index.php> Acessado em 15 abr. 2019.